

**CÔMPRA**

**OS NOSSOS**

*Semanario illustrado  
de Sciencias Lettras e Artes*

Proprietario e Director: PALERMO DE FARIA

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO  
C. do Jogo da Pella, 6, 2.º  
LISBOA

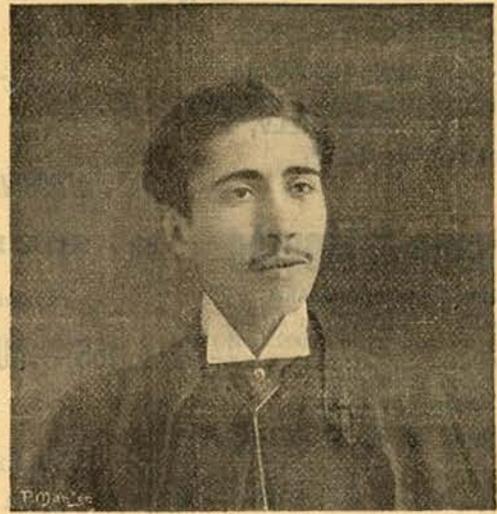
Officinas d'Impressão e composição  
A LIBERAL  
R. de S. Paulo, 216

Tiragem 6:000 exemplares

SEGUNDA-FEIRA, 11  
MAIO  
1908

3.ª  
SERIE

NUMERO  
AVULSO



Dr. Mario Monteiro

**20 RS.**

Todos os numeros publicam um trecho de musica

**GRANDE DEPOSITO**  
 ↳ DE ↳  
**MOVEIS DE FERRO**

---

**COLCHOARIA**  
 ↳ DE ↳  
**JOSÉ A. DE C. GODINHO**

**54, Praça dos Restauradores, 56 — LISBOA**

**SALVADOR VILLARINHO PEREIRA**  
 Clinica Geral—Partos  
 R. de S. Roque, 67, 1.º—Das 3 ás 5 da tarde  
 TELEPHONE 1573

**ALBERTO FERREIRA**  
 MEDICO-CIRURGIÃO  
 Rua Maria Andrade, 10, 2.º—D.  
 Consultas das 10 ás 11

**ANACLETO DE OLIVEIRA** \*\*\*\*  
 MEDICO-CIRURGIÃO  
 Rua S. Vicente á Guia, 22, 1.º

**LUZ KITSON**  
**Petroleo por incandescencia**  
 A mais brilhante, a mais economica  
 Sem cheiro nem fumo, **L. M. LILLY**, successor, R. dos Retrozeiros, 35, 1.º—D.

**Januario & Mourão**  
 OURIVESARIA E JOALHARIA  
 Grande quantidade de artigos em estojos proprios para brindes, desde 15000 réis, joias com brilhantes usados, ouro e prata a peso. Importação directa das fabricas.  
**PREÇO FIXO**  
 Rua da Palma, 86, 88, 90, 92 e 92 A

**MOTORES DE AR QUENTE**  
 Para tirar agua, substituindo com vantagem as noras e os moinhos de vento, **L. M. Lilly** Succesor, R. dos Retrozeiros, 35, 1.º;—D. Lisboa.

  
**EXPOSIÇÃO DE LOUÇA DAS CALDAS**  
 Arte decorativa  
 Artigos para brindes

**GATO PRETO**  
 R. de S. Nicolau  
 (Esquina da R. do Crucifixo)

**R. Xavier da Silva**  
 Doenças da garganta, nariz e ouvidos  
**CLINICA GERAL**  
 Das 3 ás 5—Rua da Palma, 133, 1.º

**JAZIGOS DE CAPELLA**  
**A 200\$000 réis**  
 8 Logares  
 Rua da Assumpção, 12 — J. A. CRUZ

**LOUÇAS-VIDROS-TALHERES**  
 QUASI DE GRAÇA  
**SÓ NA CASA DAS LOUÇAS**  
 33, RUA DA PALMA, 35  
**Pedro Carlos Dias de Sousa**

**JULIO GOMES FERREIRA & C.ª**

**Fornecedores da Casa Real**  
 82 — RUA DA VICTORIA — 88

Exposição permanente  
 166 — RUA DO OURO — 170

Instalações completas  
 para agua gaz e electricidade  
 Grande sortido de lustres  
 em todos os generos

  
**SENHA DE Consulta**

As cartas dos consolentes devem vir acompanhadas da respectiva **SENHA DE CONSULTA**, e satisfazer aos seguintes requisitos:

- «Nome de batismo; iniciaes dos sobrenomes e apelidos.»
- «Anno, mês, dia e hora, se possível fôr, do nascimento.»
- «Côr da pele, dos olhos, dos cabelos.»
- «Altura aproximada, estado de magrêza ou de gordura, comprimento exacto dos dedos da mão esquêrda, tomado do lado da palma da mão; se os labios são finos, delgados ou grossos, carnudos, espessos; sinaes da pele, congénitos ou adquiridos, cicatrizes. Dimensões aproximadas da testa, feito do nariz. (Um retrato tirado de frente e outro de perfil, seriam excellentes dados.)»
- «Doenças anteriores á consulta. Saude dos paes. Se tem muita ou pouca força muscular e qual o estado de sensibilidade da pele.»
- «Falando ainda dos cabelos será bom dizer se são macios ou asperos. As veias que se divisam através dos tegumentos são cheias e azuladas?»
- «E' alegre, agitado, vivaz, inconstante, facilmente irritavel?»
- «Adora o prazêr em todas as suas manifestações? Quaes as distrações que prefere?»
- «Tem tendencia para a violencia para o despotismo?»
- «E' cabeludo ou glabro?»
- «Quaes os caracteres da marcha? Costuma andar deprêssa, devagar, a passo largo, a passo curto, com gravidade, baloiçando o côrpo?»
- «Qual é a posição habitual da mão quando caminha? Fechada, semi-aberta, aberta? Tem por habito levar repetidamente a mão á fronte, aos olhos, á boca, ao nariz, ás orelhas?»
- «Caminha de mãos nas costas, nas algibeiras? Esfrêga-as muito? Costuma lhes fazer estalar os ossos? Leva repetidas vêzes a mão ao peito?»
- «Dorme com as mãos fechadas, semi-cerradas, abertas? E' tremulo?»
- «Ha frisante contraste entre a côr dos cabelô da cabeça, da barba e das sobrancelhas?»
- «Gosta de flôres, de fructos? Quaes os preferidos?»
- «Além destes esclarecimentos, poderão os srs. consolentes enviar-me quaesquer outros que julguem convenientes. A todos garanto o mais absoluto segredo, a mais completa discrição.»

AS CARTAS DEVEM SER DIRIGIDAS  
 A ESTA REDACÇÃO

# O GRANDE CONCURSO

DO

# "AZULEJOS"

## Valiosos brindes aos nossos leitores

Basta colleccionar 20 Mascaras Illustres das publicadas nas tres Series d'este semanario, e en-vial-as a esta redacção, até ao dia 20 d'Agosto fa-zendo-as acompanhar do nome e morada do Colleccionador.

O sorteio dos premios do concurso que serão expostos no Gato Preto, R. de S. Nicolau, realisar-se-ha em 30 d'agosto.

Em qualquer dia podem os nossos leitores começar as suas colleccões e remettel-as á redacção do **AZULEJOS**, em troca das quaes receberão senhas numeradas para o sorteio, que será publico.

A collecção mais artistica e o maior numero de colleccões teem um premio especial, alem do que lhæs possa caber no sorteio.

## LISTA DOS PREMIOS

- 1.º—Um par de estatuetas terre cuite com pintura, imitação de mar-fim, offerta do *Ex.º Sr. Eugenio Costa*, proprietario do **Gato Preto**, R. de S. Nicolau, esquina da R. do Crucifixo.
- 2.º—Um almofadão desenhado á penna, offerta e trabalho da *Ex.ª Sr.ª D. Maria do Ceo Beça*, nossa illustre collaboradora.
- 3.º—Uma pintura a oleo, pelo *Ex.º Sr. João Bastos*, um dos nos-sos directores artisticos.
- 4.º—Uma almofada bordada a seda, ofrecida e bordada pela *Ex.ª Sr.ª D. Leonia Lopes*.

(Continua)

**COMPRA**



**20 ANOS**

*Semanario illustrado  
de Ciências, Letras e Artes*

Proprietario e Director: PALERMO DE FARIA  
Director Científico: ANACLETO R. D'OLIVEIRA  
Secretario da Redacção: BENTO MANTUA  
Administrador: XAVIER DA SILVA

DIRECTORES  
Litterarios: J. PACIFICO, EMECÊ e LAMPARINA  
Artísticos: A. LACERDA, C. CRAVEIRO e J. BASTOS  
Musicas: ALFREDO MANTUA e FERNANDO PADUA

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO:  
C. do Jogo da Pella, 6, 2.º  
LISBOA

Officinas d'impressão e composição  
A Liberal—R. de S. Paulo, 216

Segunda-feira  
11 DE MAIO DE 1908

Condições de assignatura  
(Pagamento adiantado)  
SERIE DE 15 NUMEROS  
Lisboa e provincias..... 300 rs  
Colonias ..... 400 »  
A cobrança pelo correio é augmentada  
de 60 réis.

NUMERO AVULSO 20 RÉIS

Tiragem 6.000 exemplares.



## CHÁ E TORRADAS



omeçou o calor, não com a intensidade que ha de mais tarde a-poquentar-nos, mas emfim já se faz sentir me-nos mal.

E confesso com toda a franqueza que, apesar de velho, dispenso muito bem as temperaturas elevadas. O verão para mim só tem de bom os dias grandes, porque sempre tive horror á noite, apesar dos mil e um processos de iluminação que tentam desthronar o astro rei.

A primavera d'este anno que se apresentára com mau aspecto, entendeu que não era proprio flagellar-nos com ventanias e aguaceiros e, o mez de Maio, apresenta-se risinho e agradável.

O mez de Maio, disse; e este nome traz-me á lembrança os muitos acontecimentos a que tem dado occasião o celebre mez das flores e, ás vezes, das trovoadas.

Dizem os antigos que o Maio é traiçoeiro e que é pouco todo o cuidado para evitar que elle entre conosco. Eu, por exemplo, quando me

vou deitar no dia 30 d'Abril tenho o cuidado de meter debaixo do travesseiro duas castanhas piladas, pois até ao presente affirma-se ser este o melhor, e talvez o unico meio, de evitar surpresas e, verdade ou não, este anno como em todos os anteriores as castanhas produziram o salu-

## Mascaras illustres



Eça de Queiroz

tar effeito e o Maio não entrou comigo.

Não tem, porem, acontecido o mesmo a toda a gente.

Em Lagos, cidade velha e reilha do Algarve d'áquem mar, era tradicional a festa ao mez de Maio e attingia as proporções de verdadeira loucura.

Procuravam um rapazito dos mais interessantes e graciosos, vestiam-no

caprichosamente e ornamentavam-no com todas as joias, cordões e berloques de ouro que podiam reunir e que pediam ás pessoas mais ricas e graduadas da terra. Seguia-se a procição do Maio e era sempre festa rija em que se comia e bebia á farta.

N'um certo anno, conseguiram que o rapaz fosse litteralmente carregado de ouro e tão deslumbrante se apresentou que as exclamações de surpresa se ouviam de todos os lados. Na verdade o rapaz levava em cima de si riquissimos valores e, não se sabe como, ao voltar d'uma esquina desapareceu e até hoje nunca mais houve quem desse noticia d'elle, nem do ouro e joias que haviam causado a admiração de todos.

Procurou-se, indagou-se, fizeram as maiores diligencias para lhe descobrir o paradeiro, mas tudo foi inutil e os donos dos valores ficaram sem elles jurando aos seus deuses não tornar a cair n'outra.

Morreu assim, a topo, como alguns dizem vulgarmente, a festa do Maio e deixou de si tão tristes recordações, que o nome de Maio desapareceu em Lagos e, em Abril diziam, o mez que ha de vir, como em Junho exclamavam, o mez que já lá vae.

Ha talvez um seculo que se passou o triste caso; pois, ainda hoje, entre o povo lacobrigense, é mais prudente, para evitar sensaborias, não se fallar no mez de Maio.

E, quando tenho a cabeça cheia de tão sorumbaticas recordações, quem por força chá e torradas? Belzebuth que lhes valha e deixem tranquillo e socegado o seu amigo.



## Chronica

### Novas causas de mortalidade

O sr. Homais dizia-me recentemente: «O nosso seculo é um seculo de progresso! Não só possuímos caminhos de ferro, iluminação electrica, telephone e jornaes a dez réis, mas vencemos ainda a dôr e muitas doenças e sabemos extrahir dos mais subteis venenos a saude, em pilulas e em garrafas. Verá que mais dia menos dia, chegamos a triumphar da morte».

E, como eu sorrisse com certo ar de duvida:

— «O sr. não é da minha opinião, disse elle zangado. Preferiria talvez o obscurantismo da Edade-Media, e teremos de contal-o entre os negros discipulos de Loyola?»

Sem lhe dar resposta, deixei-o ir-se embora, por isso mesmo que me pareceu todo contente de me julgar esmagado pela força d'este ultimo argumento.

Lá no fundo, o sr. Homais não é de todo em todo mau. E' bom marido, bom pae de familia e muito entendido em tudo; vota regularmente e paga á justa as respectivas contribuições. Infelizmente, não dispõe de cinco réis de reflexão, e deixa-se seduzir por todas as phrases sonoras que ouve. Assim é que acredita nas pastilhas de azote de Berthelot, na sôrophia marinha e na diminuição da mortalidade.

Detenhamo-nos por hoje n'esta questão da mortalidade, que deve e com razão preoccupar os sociologos e os medicos.

Sabe-se que dois meios existem, ambos de valor desigual por certo, de augmentar a população de um paiz: fazer crescer o numero dos nascimentos e diminuir o numero dos obitos. O primeiro é erradamente considerado, penso eu, como de todo extranho á nossa competencia, e todos os esforços, em França, pelo menos, se dirigem para o segundo. Os resultados obtidos longe estão de ser para desprezar. Graças á vulgarisação dos preceitos da hygiene e da dietetica da primeira edade, ao conhecimento práctico das medidas de protecção a respeito das infecções, ao emprego methodico dos meios de verificação, taes como a pesagem regular, etc., a mortalidade infantil dos dois primeiros annos tem diminuido em proporções por vezes considerabilissimas; aqui mais de metade, n'outras partes, mais de dois terços. E' um lucro de vidas, que já se pode

calcular em perto de 40:000 por anno para toda a França. N'este ponto, pois, tem o sr. Homais razão. Razão tem ainda, quando faz notar que as medidas prophylacticas, por toda a parte empregadas, tendem cada vez mais ou menos completamente a fechar as nossas fronteiras ás grandes infecções indigenas, como a febre typhoide, a variola, a febre puerperal e a escarlatina. Tem tambem sobrada razão, quando gaba os resultados da lucta anti-alcoolica e anti-tuberculosa, os esforços tentados para melhorar os locais de habitação e de trabalho, a alimentação das massas, a sorte dos doentes e impossibilitados, os aperfeiçoamentos incen-

fallas n'elle. Pensas todo o dia, e todos os dias, em um argumento novo para o teu prologo, especie de personagem dos velhos autos, que venha apresentar-te ao respeitavel publico, envolto no teu roupão de modestia e enthronado no teu pedestal de ignorancia e involuntariedade. A todo o momento fazes um calculo novo, um novo projecto, que no momento seguinte adias ou modificas; e o livro vae ficando por publicar, na tranquilla quietude das cousas desleixadas e relegadas ao portuguesissimo amanhã, da proverbial indolencia lusitana! E admiraste de que nós passemos dias sem te dar manifestação alguma da nossa actividade! Para quê, se tu não as aproveitas?

A' boa parte tomes esta minha advertencia. E' ella, talvez, mais uma justificação do nosso pretendido abandono, do que uma censura a quem tão pouco tempo sobeja, para que a mereça, por não fazer tanto quanto desejamos e appetecemos.

E' natural que aquelles que vêem tudo superficialmente, ao lerem os nossos escriptos, nomeadamente os meus, lhe extranhem um pouco a philosophia e a falta de descriptivo,

Na philosophia não ha modificação. Existe na de agora, como na de outrora, a mesma amargura e a mesma observação. A differença consiste em que eu, ahi, via as cousas sob o aspecto limitadissimo que a minha retina moral abrangia; e agora, vejo-as de mais alto; a vista é mais firme e a observação mais funda.

Vejo as cousas no seu conjuncto; penetro mais conscientemente as causas, e não me prendo com exigencias de convencionalismo de agrado, nem com circumstancias de detalhe, que foram a preocupação, quasi exclusiva, de toda a minha obra. Esta despreocupação traz consigo, naturalmente, consequentemente, a falta do descriptivo, a exiguidade da minudencia.

Não podiam coexistir com a grandeza do assumpto.

As cousas vistas de longe offerecem um aspecto grandioso e unico.

Não tem o recôco do acabamento, mas a grandiosidade do conjuncto.

Quem, de sobre o cume de uma serra, ao deixar perder a vista no horizonte, se preocupa a descrever os regatos da paizagem, as anfractuosidades das penedias, a coloração dos tons de cada veiga, as sombras de cada arvore, o esbatido de cada collina, as fructas de cada horta, as plantas de cada seara, as quebradas de cada monte, os carreiros de cada terra, as flores de cada prado, as giestas de cada combro, as alfonbras de cada ribeiro, os effeitos da luz de cada quebrada, o pittoresco de cada casa, a topographia de cada aldeia?

Quem? Ninguem, por mais mesquinha que possa ser a sua observação, por mais meticulosa que seja a sua analyse e por mais fragmentavel que a sua critica seja.

(Continúa).

## MULHERES GALANTES



Bady

santes dos methodos da therapeutica medica e cirurgica. De tudo isto, resulta necessariamente uma economia de existencias, muito difficil de bem apreciar, mas que deve ser consideravel.

(Continúa)

## ESPIRITISMO

### Comunicação de Eça de Queiroz

(Do volume II *Do Paiç da Luz*, no prelo)

XVI

26 de fevereiro de 1907.

Da psychologia de toda a litteratura romantica que lêste, ha um facto que se gravou fundamentalmente na tua observação, e que a miudo contas:— é aquelle da velha fidalgo do *Romanço de um rapas pobre*, de Octave Feuillet, que idealisava cada dia uma ogiva ou uma corniça nova, um novo altar ou um novo ornato para a sua cathedral, que architectava *in mente*, para quando recebesse a herança de Hespanha.

Não sei bem se o singular liame que prendeu essa observação á tua memoria, é o mesmo que te prende a vontade ao exemplo suggestivo, sem o pormenor da herança hespanhola.

Ha muito que fallas no teu livro! A proposito de todas as discussões



## “SONATAS”

de Fidelino de Figueiredo

O livro do sr. Fid. de Figueiredo contem cinco contos a saber: «O mal d'El-Rei» «Paganismo» «No harem» «O Faroleiro» e «Traída».

Pela sequencia natural e vivida da idéa, sem carencia de brilho e clarêsa de estilo destacam-se os dois ultimos. Mas nem por isso os outros deixam de ler-se com agrado. Assim o *A* no «Mal d'El-Rei» aborda aquelle velho thema do Rei que, numa hyperhypochondria tenebrosa só almeja vestir a camisa do homem feliz.

No «Paganismo» procura reconstruir a vida de Roma naquella tremenda crise de transição do paganismo para o christianismo. E é em volta de uma donzella, semi-pagã, semi-christã, tendo por noivo um christão, que, nas «Sonatas», relembrando o «Quo Vadis» e «Os Claudios» decorre o episodio.

Mudando de tela, o *A* traça agora um conto arabe, rico de commoções.

Mas voltemos aos dois contos bellos do livro: «O Faroleiro» e «Traída». O que é o «Faroleiro»? Esboçemos: José, por morte de seu pae, fica faroleiro. A aldeia, em sessão magna, aconselha-o, em unctuosas e paternaes blandicias, para ter quem seja sua companheira. Neste conselho ia implicitamente o calculo de muitas mães que lhe queriam empurrar as filhas: O faroleiro herdára alguns vintens: «That is the question.» Ora elle cruzava os quarenta annos, rude, um misanthropo.

Se um dia se lembrasse de amar não teria aquelle fogo do amor de tenra idade (voluvel, é certo): Seria bem um amor reflectido, pausado, mas firme. E que rapariga havia na aldeia que o comprehendesse a elle, nm homem que não ia ás desfolhadas? Não ia ás desfolhadas?!

Uma houve, Luiza, que cazou com elle. E viveram mais de um anno, elle adorando-a, ella passando aborrecida entre o homem com quem casára e as quatro paredes feias, frias e negras do farol.

Victor, um companheiro de Luiza nas desfolhadas e seu primeiro conversado, vem lá passar uns dias. E a mulher do faroleiro veste-se de mil côres, orna-se de mil encantos para o receber. José nota-lhe, mas desculpa-lho a ella que só tem dezanove annos. Admirava que fosse tãful, leviana até? Espia-os mas nada vê. Refervem-lhe as entranhas. Victor vae-se e José, fallando á mulher, aclara-lhe a situação: elle bem vê que ella ama o outro mas pede-lhe não se esqueça da

sua dignidade, elle que tanto a ama. E d'ahi a pouco Luiza sente que um amor por José, incipiente e muito tenue se lhe está enraizando. Um dia chega carta de Arioze, da terra della, a chamal-a: que tem o pae á morte. E quem diz a carta que a vira buscar? Victor. Luiza protesta que o não receberá. Mas José pergunta-lhe se ella não tem confiança em si propria? Que o receba com friêsa. Chega Victor cheio de si, a busca-la e mal José se levanta a accender as luses do farol, elle, agora lubrico, propõe a fuga

## Modas e Confeccões



a Luisa, o amor livre d'aquelle velho que a não ama. E ella, entre o dever, a vergonha, o medo que a detem e a paixão é a febre que a solicitam não lhe dá a resposta energica que ella a principio julgára lhe daria. Tergiversa, quer protestar, hesita. Elle, decisivamente brutal, toma-a no collo, beija-a lascivo, deita-lhe as mãos aos seios. Ella grita então pelo marido. E Victor foge.

Entretanto José subira, aniquilado, as escadas do farol, pensando em Luisa, pensando em Victor, e ia dormir ao mar, deixando-os a elles dois felizes quando a mulher lhe acode chamando por elle: Luisa reconsiderára: Aquelle... amor (supponhamos) de Victor, a consentir-lho ella, duraria dias? E o de José, tão puro, que seculos o quebrariam? Luisa viu bem. E o marido que lhe perdoou deu-lhe forças para ella o amar de futuro como de-vera ter amado até 'hi.

«Traída» é a historia de uma rapariga, filha de uns ferrugentos miguelistas que lhe não têm amor e ella, a bem dizer, nem sabe a razão por que ha de gostar d'elles. Mettem-na num recolhimento donde a liberta uma prima, a condessa de Messines que, conscia das honras que lhe pode dar á casa uma rapariga «mignonne» como o era Georgina, a apresenta no mundo elegante, no mundo nobre em que virá a corromper-se. O sr. Silveira Bello, de quem ella acceita a côrte, supõe que a ama quando, de facto, a apeteceera apenas por dois dias. Beijaram-se com escandalo, uma noite, no jardim.

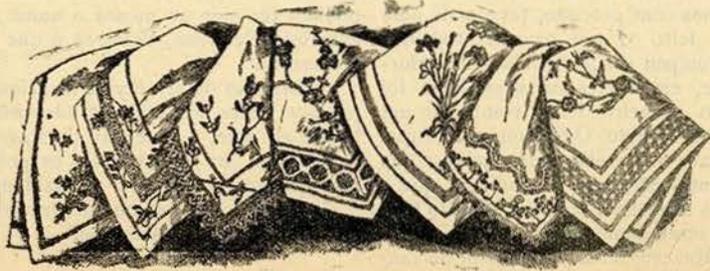
Urgia casal-os, na phrase da condessa, (que assim escrevia aos paes de Georgina ao fazer-lhes um laconico e mysterioso «compte-rendus» do que se passava). Os velhos quasi morrem ao saber tal: Georgina, subdita fiel de S. M. Legitima, casar com um da choldra? (assim appellidavam elles a «alta»). Que viesse já para a casa paterna... donde fugiu d'ahi a dias, á meia noite, com o sr. Silveira Bello. Foram viver para uma «villa» na Outra Banda. D'ahi a mezes, o que elles, simultaneamente, tinham chamado um Eden convertera-se num inferno para ambos. E Georgina que, coitada, gostava delle, perguntava-lhe a miudo quando findava aquella situação equivocada, quando casavam? E elle, cynicamente, o canalha, ia-lhe dizendo que... os papeis ainda não tinham chegado, mas que... lá para o mez que vinha naturalmente casavam. Até que um dia, o sr. Silveira Bello escreveu-lhe de Lisboa (depois de ter mandado enterrar, sem dô, um filho que nascera) dizendo que deixava de viver com ella por multiplos motivos.

A casa que a vendesse se quizesse. E, continuava o sr. Silveira Bello, que muito juizo tinha tido em adiar essas coisas do casamento porque agora estaria preso sem remedio. «Alguns annos depois, em Lisboa, a condessa do seu trem de guisos, avistou, por entre a multidão, uma mulher bonita, vestida com exagero. Pareceu-lhe Georgina... E nunca mais soube della.»

Assim fecha duramente a narrativa. O leitor quer sentil-a vivamente? Compre as «Sonatas».

João de Magalhães Collaço.

## BORDADOS E RENDAS



## PELAS ARENAS

### CHRONICAS TAURINAS

E' sem duvida, para o artista, seja qual for a sua manifestação, uma musica agradável a das palmas e ovações, porém mais de uma vez essa musica tem tido o seu tanto ou quanto de prejudicial.

Se o artista, toureiro, actor, cantor, gymnasta, ou o que seja, tem muitas vezes o bom senso de saber extremar quaes as sinceras manifestações de applauso e quaes as exaggeradas ovações que o seu trabalho proporciona, outras embriaga-se com essas ovações a ponto de lhe parecer que ellas são um pequeno premio do seu merito que cuida ser perfeito.

E só prodigalizar applausos em demasia é um dos males de que enferma, sem duvida alguma, o publico portuguez, principalmente o publico que concorre ás praças de touros, ignorante quasi em geral, mas julgando-se todos os espectadores altas competencias e sumidades criticas.

No domingo passado, o costume que tem os cavalleiros de ouvir palmas sempre que quebram uma farma, bem ou mal, e muitas vezes mesmo sem o fazer, occasionou ao estimado cavalleiro Morgado de Covas um percance serio.

Terminada a *pelea* do 4.º touro, um animal que não era dos melhores que se apresentaram, Morgado, que o tinha lidado nem sempre com a correcção que seria para desejar, descuidou-se com as palmas que presentia no sector 7 e ao dirigir-se a passo para esse lado, sem ter attenção alguma para com o touro, teve o desgosto de ver que este dando investida furiosa, apanhou o cavallo pelos quartos trazeiros e, desmohlado-se, causou-lhe um ferimento d'onde o sangue logo jorrou abundantemente.

Morgado, perfeitamente desorientado e o caso não era para menos, recolheu immediatamente, voltando á praça a tourear o 9.º, missão da qual se desempenhou conforme o consentia o seu estado de espirito.

Eduardo Macedo está esta epoca decididamente com ganas de elevar bem alto o seu estandarte. Perfeitamente montado, sereno, medindo os terrenos com precisão, teve mais uma tarde feliz. O seu primeiro touro, o que rompeu praça, foi lidado superiormente, em sortes variadas. Pena foi que o primeiro ferro resultasse um tanto descahido. O 6.º, um animal que se ficava ao receber a ferragem, e que portanto não era de molde a que o artista se luzisse, tambem Macedo toureou acertadamente.

A Reverte teria feito melhor deixando-se ficar em Hespanha. Por muito

valente que seja, lembramo-nos que é uma mulher que se põe deante dos touros e não a podemos tomar a serio, mesmo porque, tendo-a visto *traballar* já dezenas de vezes, ainda se não proporcionou occasião de a julgarmos artista para sortear rezes bravas. E' valente, destemida, tem a coragem desmedida que a muitos homens falta mas... ninguem a toma a serio.

O seu trabalho, limitou-se a uns dois ou trez *parinhos* no 5.º, um borreguinho bravote, e mais um par á meia volta, no oitavo, sem valor algum. Com a muleta uns passitos sem sal no 5.º, assim como uns lances de capa, no 8.º sem merito de qualidade alguma.

Dos nossos bandarilheiros distinguiram-se Theodoro e Cadete, que no 2.º



FRANCISCO BARREIRA (*Morgado de Covas*)

e 7.º executaram trabalhos que seriam dignos de applausos se os queridos artistas tivessem touros por antagonistas, mas, como a corrida era para a Reverte, o lavrador julgando que ella aguentaria o peso da tarde enviou uma manada de borregos, alguns dos quaes ainda mammavam, certamente.

A Empreza Tauromachica, tão ciosa do seu bom nome, não devia deixar sem reparo uma tal falta. Para isso tem o seu regulamento que lhe prohibe consentir que ali se apresentem artistas que não estejam habilitados a isso, ou touros que não tenham as condições preceituadas.

E aquillo, exseptuando os de cavallo que tambem não eram torres, nunca podiam ter-nem ao menos o nome de garraios. Bezerros, bezerros é que se viu serem.

A direcção do sr. Jayme Henriques foi por vezes atrapalhada. Occasões houve em que, á excepção da Reverte estavam na praça todos os pedes unidos de capote, sem necessidade!

As pégas continuam desgraçadas por falta de ajudas a tempo.

ÉMECÊ.

## FINIS EST

Aquelle amor, a fé com que te cria,  
que era o meu Deus, meu culto, meu respeito,  
pr'a mim o Ideal mais que perfeito,  
mais que uma crença, immensa idolatria,

Esperanças que eu sonhava, quanto eu qu'ria ..  
nada me resta já, tudo é desfeito;  
nem mesmo o coração sinto no peito  
bater, pulsar, viver, como sentia!

Chiméras, illuções, tudo acabou;  
já tudo extinto está, nada ficou;  
só vejo a noite escura, negra, infinda!

E sinto-me tão triste e aniquilado,  
sem fé, sem esperança t'er, tão desgraçado...  
nem sei se morto estou, se vivo ainda!

H. A. B.

## Pensamentos

A mulher superior é aquella que no dia em que lhe morre o marido assume o lugar de pae de seus filhos.

GOETHE.

Todo o homem de bem se considera vingado quando enche de beneficios o seu inimigo.

J. A. DIAS.

## Cumulos

*Da confiança* — Afiar uma faca para se abrir a um amigo.

*Da arte bellica* — Andar n'uma roda viva para formar quadrado.

Pôr na boteira a rosa dos ventos.

Coser uma batata a pontos naturais.

## Soneto

No anniversario de minha querida Mãe  
12-3-1908.

Bemdicta seja a hora em que nasceste,  
Immenso coração, d'immense amor!  
Bemdicto seja o leite que nos deste,  
Tão puro, tão suave e creador!

Bemdicto seja o nome que tiveste,  
Que assim o teve a mãe do Redemptor!  
Bemdicto o teu olhar, a tua veste,  
Fontes de luz e ninhos de calor!

Passa-se um anno e um outro anno vem,  
E és tu sempre bemdicta ó minha Mãe,  
Que tanto nos adoras e nós queres!

Bemdicta sejas, alma carinhosa,  
Esposa, mãe, irmã tão virtuosa;  
Bemdicta sejas tu entre as mulheres!

PEDRO RAMOS DE PAIVA.

Attenção para o grande concurso do AZULEJOS.  
Encadernações da 1.ª e 2.ª Série.  
Veja nas capas.

## ARTE

DE

## TEATRO

A proposito da *MÁ SINA*

THOMÉ

Foi uma briga desesperada.

ANTONIO

Foi Deus que...

PEDRO

Não foi isso que nos disséram... não foi isso.

Depois conta que fugiu desesperado até que farto de sofrer fomes e frios se foi «entregar á justiça».

ANTONIO

«O remorso... o remorso...»

MANOEL

De quê? De ter ajuntado má um lobo aos muitos que matei na serra? Fui julgado e condemnado. A sentença que me deram foi mais pequena, porque o manageiro era ruim e tinha má fama.

Pedro, pergunta se não tornou a ver a *princeza*. Manoel, recordando-a, responde que não. Todavia não a esqueceu ainda. Conta que esteve preso, com outros desgraçados como elle. De principio trataram-n'o com certo desdem, mas depois a afeição mutua solidarisou-os na vida da cadeia. E é n'uma invocação identificadora que diz: «Confessaram-me os seus crimes e os seus odios e, ao escutal-os, sentia-me bem ao pé d'elles... Quantas coisas me contaram! As coisas que eu lhes ouvi!...» (Scena VII)

2.º acto: Depois de muito instado, Manuel, entra na azenha com o pae, o irmão e Thomé. Antonio pretexta afazeres e retira-se com o amigo. Ficam Pedro e Manuel. Recordam tempos idos. Manuel evoca todos os nomes technicos da maquinaria. Pedro pergunta-lhe se elle «não tópa diferenças na azenha?» Conta-lhe que tem uma companheira. Uma rapariga a quem salvou de morte certa. Ella, desgostosa da vida, queria suicidar-se, lançando-se ao rio perto da azenha. A levada deu-lhe balanço, aos rebolões, e á custa da propria vida conseguira deitar-lhe a mão e trazel-a para terra. Depois, com o pae, conduzir-a para ao pé da lareira onde esperou que se reanimasse e dissésse quem era. «Fazia lastima olhar para ella. A cara era amarella como cêra.» Abriu os olhos e «despois de satsifeita, olhou em roda e disse numa voz triste: «Obrigado, obrigado... e logo a seguir: «Porque me salvaram?... Porque me não deixaram morrer?» Pedro conta: «O mal alheio dá conselho, e, como não havia mulher em casa, fui-me ao pae e propuz-lhe: Não temos quem olhe por a gente... Tome vocemecê esta rapariga. Arremediando-nos, tirámos-lhe tambem o fito de se matar.» O pae, de principio, esquivou-se, porque lhe recordava a querida morta. Por fim convenceu-se e convenceu a rapariga a ficar. Pedro, pouco tempo depois começou de namoral-a, o que a levou a dizer-lhe: «depois eu não posso ter-lhe afeição bem cá de dentro...» Esquivava-se sempre. Pedro não desanimou: «... e eu por isso atei-me, (rindo) e como quem com o demo arda com elle acaba... e porque se alebrava que me devia a vida...» «... e

para que ella não ande mais nas boccas do mundo, quero arrecebê-la.» (scena II).

Maria, que tinha ido valer a uma visinha pobre, chega á azenha e dá com a presença de Manuel. Confusos ambos, procuram disfarçar, mas não o conseguem Manuel, exaltado, compreende tudo e lança em rosto a Pedro, boquiaberto, a sua desdita. Sentese ferido no seu puro amor. E é num crescendo d'odio impercador que diz: «Para tornar a vê-la, para lhe falar, para lhe dizer que a prantei com raiz na minha alma, que nunca se me varreu da alebrança, que a sua cara não se me apartou da vista, que o seu corpo me aparecia em sonhos, que lhe queria mais que á propria vida, mais que á honra, mais que a Deus!»

MARIA

(Que tudo ouvíra com anciedade crescente). Tambem elle! Senhor! Tambem elle!

## Figuras do Palco



Actriz Julia Mendes

(Do Theatro Avenida)

Manuel continua culpando o irmão: «Como mais velho, tomaste poder sobre o pae que sempre te viu com melhores olhos do que a mim, e nunca lhe puzeste em fito que eu estava longe e que devia voltar para aqui. Fizeste bem; estorvava te! Ao despois, apossaste te do quinhão que me cabia na azenha...»

PEDRO

Manuel, tu!...

MANUEL

(Cada vez mais fóra de si) E, achando pouco, obrigaste a ser tua a mulher que te declarou não poder ter-te paixão cá de dentro, esmagando o coração de quem quer que fosse...

PEDRO

Mas eu não a forcei; ella era livre...

MANUEL

Mentes... mentes... Alebraste-lhe que te devia a vida...

MARIA

(Num doloroso gemido) Foi assim... foi assim...» (Scena V)

Entrementes, chega Antonio, que corre logo aos dois irmãos, antevendo a lucta. Manuel, lança-lhe em rosto todo o desprezo em que envolve Pedro e o pae. Antonio, sempre profetico, diz-lhe: «Eu bem disse... Traz desgraça consigo...»

MANUEL

(Completamente fóra de si) Revê-te na tua obra!

PEDRO

Está doido, pae!... está doido!

MANUEL

Enganas-te! nunca tive tanto sizo como agora... Agora percebo porque os meus companheiros da cadeia tinham tanta raiva ao mundo! Tenho-te rancôr, pae—pae não, carrasco! Tenho-te rancôr!»

Antonio, expulsa-o indignado. Maria, pede-lhe carinhosa que se retire, pois prevê desgraça certa e ha tanta insistencia no seu solicitar que Manuel sae, dolorido. (Scena VI)

3.º acto:—Maria procura distrair Antonio. O moleiro insinua que ella está voltada para o filho maldito. Maria pede ao pae que o esqueça. Alem disso não se admirará que o defenda um pouco, pois lhe deve muito, ao que Antonio ofendido pergunta:—«E ao meu Pedro que te salvou a vida?»

MARIA

Sim, mas o Pedro não padeceu por via de mim o que elle padeceu (com concentração) e pagou-se bem... pagou-se bem...

ANTONIO

Ahn! Dizes tu quê?...

MANUEL

Que me pediu em troca o que o Manuel me defendera! (Scena I)

Thomé entra. Ignora o que se passou. Contam-lh'o. Fica passado. Intercede para que acabem as zangas. Haja socego. Antonio, exaltando-se, diz que se Manuel «voltar á azenha o matará como se mata um cão damnado.» E, enquanto Thomé e Maria discutem a forma de prevenir o expulso. Antonio, premeditadamente, carrega uma espingarda. Depois sae com Thomé.

Manuel, que se ocultára á espreita de que Maria ficasse só, abre devagar a porta e entra pé ante pé. Encontra Maria chorando. Maria, nota-o e pede-lhe novamente que se retire para evitar desgraças. Manuel não quer. Não sairá enquanto ella lhe não disser que jámais se esqueceu delle. Maria, diz-lh'o, recordando:—«Depois da morte do manageiro, fugi como tu; andei muito, procurei-te por toda a parte e assim se passaram tres annos de luctas e fomes, de saudades e frios, num desconsolo de vida, mas sempre limpa de corpo, sempre defendendo de todos o que, a ti só, queria que pertencesse.» Perdida á esperança de o encontrar, foi quando resolveu matar-se. Descreeve o que succedeu depois:—«Tive-lhe horrór e comeci de esquivar-me delle. Fugi-lhe o mais que pude, té que o Pedro, uma vez, com a razão toldada e fóra de si, cuspiendo-me á cara como um louco o eu ser uma engeitada e o risco que corrêra para me salvar.»

MANOEL

Tal qual os outros... tal qual os outros...

MARIA

Compreendi então que queria que lhe pagasse a divida... Pensei muito e por muito tempo até que consumida de saudades, desenganada de tornar a ver-te, olhei para o que fui e para o muito que sofri e arrecei-me de que elle me botasse fóra e eu viesse a dar na mais perdida das perdidas. Então,

com a alma mais negra do que o luto, sacrificou-me, cedi-lhe... cedi...

Depois desta confissão, Maria continua a pedir-lhe que se retire. Manuel não acede, dizendo-lhe que d'alli só sairá com ella. Até que Antonio, percebendo quaes são os seus intuitos, pretende impedir. Pergunta-lhe a que vem. «A buscar o que me pertence», responde Manuel. As vociferações continuam de parte a parte. Maria pede-lhe que respeite Antonio, porque é seu pae. Manuel grita-lhe:—«Meu pae, nunca! Nunca o foi! Um pae não atira com um filho pequeno ao acaso do mundo».

ANTONIO

(Num rugido) Assassino... ladrão...

MANUEL

Sou a tua obra! (Scena IV)

Antonio, perde a cabeça e aponta a espingarda para Manuel. Maria cobre o completamente, defendendo-o. Pedro entra. Fica extático. Compreende tudo! Tira a espingarda das mãos tremendo do moleiro. Este quer tentar um ultimo arranco:—«Deixa-me esmagar esse sapo...»

PEDRO

Não. (Põe a espingarda sobre a meza)

ANTONIO

Deixa matar o ladrão da tua honra.

PEDRO

Pois... Ella... Foi!...

MANUEL

Sim, venho buscar os restos que deixaste. A Maria pertence-me... E' minha, muito minha!

PEDRO

Mas... eu...

MANUEL

Nunca te pertenceu. Se a tiveste de corpo, nunca lhe possuiste o coração. Nunca... Esse foi meu sempre. Arranquei-lhe ha pouco a confissão.

PEDRO

(Subito) Sae, Manuel... Sae maldito.

ANTONIO

Pois tu?...

PEDRO

(Levando a mão á espingarda para largar-la depois) Não; quero que viva para seu castigo... e com ella... e com ella... Saíam ambos... Saíam ambos...

MANUEL

(Indo a Maria que conscientemente se deixa conduzir para elle) O primeiro dia feliz da minha vida! (saíem)

Antonio censura o filho por não ter morto o irmão, ao que elle responde:—«Pae! Vocemecê disse esta manhã: Um homem de bem não mata nunca.» (Scena V)

\*

No proximo numero começarei a tirar conclusões sobre as scenas acima apontadas, analisando as criticas da imprensa diaria. Provarei, experimentalmente, que raro foi o critico que compreendeu a *Má Sina*.

MARIO LAGE.

## N'UM POSTAL

Em teu rosto tão formoso,  
Delicado, candoroso,  
Meu amor,  
De o não ver, sinto desejos  
De dar-lhe milhar's de beijos  
Com ardôr!

Trago-te sempre em lembrança!  
Que penas sinto, creança!  
Dentro em mim!  
Ha que tempos não diviso  
Um teu divino sorriso,  
Cherubim?!

Porto, 18 de abril de 1908.

MANOEL PINTO FERREIRA.

## O Tamborsinho Sardo

POR

Edmundo de Amicis

(Continuação)

O terreno ficou desembaraçado, a casa ficou livre, e pouco depois dois batalhões de infantaria italiana e dois canhões occupavam o cimo da encosta.

O capitão com os soldados que lhe restavam uniu-se ao seu regimento, combateu ainda, e foi ligeiramente ferido na mão esquerda por uma bala de recochete no ultimo assalto á baioneta.

O combate acabou com a victoria dos nossos. Mas um dia depois tendo recommençado a batalha, os italianos foram vencidos, apezar de valorosa resistencia, pelo numero excessivo de austriacos, e na manhã de vinte e seis tiveram de tomar tristemente o caminho de retirada em direcção ao Mincio.

O capitão, posto que ferido, acompanhou a pé os seus soldados, cansados e silenciosos; e chegando ao cair do dia a Goito sobre o Mincio, procurou logo o tenente, que fôra conduzido na ambulancia com o braço partido e devia ter chegado ali antes delle.

Indicaram-lhe uma igreja transformada apressadamente em hospital de sangue. Foi lá.

A igreja estava cheia de feridos, deitados em duas filas de leitos e de colchões estendidos no pavimento; dois medicos e varios ajudantes iam e vinham, apressados e sclicitos, e ouviam-se ais suffocados e dolorosos.

Apenas entrou, o capitão parou, olhando em volta, em procura do seu official. N'esse momento ouviu que o chamava uma voz fraca mas muito proxima:

— Meu capitão!...

Voltou-se... Era o tamborsinho...

Estava estendido n'uma cama de bancos, coberto até o peito com uma cortina da janella, aspera, de quadradinhos vermelhos e brancos, com os braços de fóra, pallido, emmagrecido, mas sempre com aquelles olhos scintillantes como dois brilhantes negros.

— Aqui! exclamou o capitão rudemente mas surprehendido. Bravo! cumpreste o teu dever.

— Fiz o que pude, meu capitão! — disse o tamborsinho.

— Estás ferido? perguntou o capitão procurando ao mesmo tempo com os olhos o seu official

— Estou meu capitão, disse o rapaz, a quem dava coragem para fallar a orgulhosa satisfação de ser pela primeira vez ferido, sem o que se não atreveria a abrir a boca em presença do seu capitão. Foi uma boa corrida mas viram-me logo. Era capaz de chegar vinte minutos mais cedo se me não acertam. Felizmente encontrei logo um capitão d'estado maior a quem

entreguei o bilhete. Mas... custou-me tanto a correr na descida, depois de ferido!... Morria de sede, receiava não chegar a tempo, chorava de raiva pensando que, por cada minuto de demôra, lá em cima, na encosta ia indo uma camarada para o outro mundo. Acabou-se! fiz o que pude e estou contente. Mas... com licença meu capitão... tambem está ferido!...

(Continua)

## COMEDIANTES

III

Joaquim d'Almeida

*Tamagno, o grande tenor dramatico italiano, disse a um seu idolatra boquiaberto de o ouvir cantar em teatro de cotação duvidosa:*

—«Não vos admireis! O artista digno do seu nome está bem em toda a parte. Tenha eu quem me oiça que nada me pêsca cantar O Othello numa carvoaria.»

*Sergio, o commovido violoncellista português, fugia dos centros onde a arte é pautada como a métrica dum pensamento, para se elevar á pureza da execução toda sua e comprehendida sem convencionalismos pelos frequentadores do plebeu café da Mouraria. Ali, entre o povo, sentia-se irmãoido com elle pelos laços do sofrimento, pelos impulsos do prazer.*

*Joaquim d'Almeida, é da opinião de Tamagno. E pensa como Sergio.*

*Os dois artistas falecidos testamentaram-lhe os dotes que os engrandeceram, para que o nosso comediante lhes garantisse a perpetuidade. Prova-o a sua vida acidentada. Tanto se lhe dá sair do Teatro de D. Maria, para ir trabalhar no da Rua dos Condes, como ser hoje Papá Lebonnard, para amanhã, simples sacristão, ir A' Procura do Badalo!*

*Joaquim d'Almeida, possui no mais alto grau o espirito assimilador, sem o qual se não pode ser legitimo comediante. Passa do comico burlesco para o tragico elevado com a mesmissima facilidade com que volta costas a empresarios que não apreciem a sua volubildade artistica.*

*Dizem que elle tem o sestro de, nos momentos criticos do desespero, gritar para que o orbe teatral o decore;*

—«Artista só eu... Os outros não me chegam aos cotovellos...»

*Ou então, ou falar-se de Sodoma, com sucursacs em certos palcos, não ser raro ouvi-lo distender a voz, como se distendem musculos:*

—«Eu já lá passei, e... não me aconteceu mal algum...»

*Damos razão a Joaquim d'Almeida. Se acham injusto o que elle diz do seu valimento, estudem, criem individualidade propria, metam-se dentro das interpretações. Só assim alcançarão os cotovellos...»*

*E quanto á gabarôla, arrázem a Sodoma moderna, que o mesmo aconteceu á antiga.*

*E Joaquim d'Almeida não inventava Sodoma, se a não tivesse visto... de longe!*

MARIO LAGE.

No proximo numero publicaremos o elogio — critico da actriz Adelina Abranches

## Semana Alegre

N'uma tourada.  
Um touro depois de muito farpeado nega-se a marrar e começa a andar ás arecuas.  
Um espectador:

— Aproveitem agora a parte de traz, já que não podem espetar mais ferros no cachão.

## FEITICEIRO DAS TREVAS

Consulente: — Antonio E. S. Junior.

Recebeu-se o postal. — Mandar-se-ha a rectificação para Paris.

Brevemente será satisfeita a sua curiosidade.

Consulente: — Antonia F. S.

A consulente é leal e cumpre heroicamente o seu dever. Sabe admiravelmente levar a agoa ao seu moinho, mas, o seu moinho tem pouco grão para moer e eis a rasão porque a sua vida é e será sempre o que tem sido até hoje, «um aborrecimento», uma larga mancha parda e nevoenta, matisada, aqui e ali, duns pontinhos côr de rosa muito esbatida. Bastantes e fartas dôres físicas; as moraes não menores nem mênos bastas mas, não a fazem sofrêr tanto porque orientou o seu caracter para o lado da submissão voluntaria e está embotada. Tôdos gostam de si, mas é porque o consulente faz o que elles querem: mostre um dia os seus dentinhos e conhecerá então quem lhe quer bem.

Olhe, é melhor não seguir o meu consêlho; não abra a bôca, não tente mordêr: é tão bom têr-se a ilusão de que tôdos nos adoram!

Consulente: — Carlos J. F.

Jupiter em má posição e o signo de Peixes presidiram ao seu nascimento; necessita pois têr o que se chama *muito olho*, para evitar os perigos, as catastrophes, as traições que, constantemente, encontrará no meandro da sua existencia. Fique sabendo que temos em nós proprios o melhor meio de conjurar as influencias astraes e oriental-as favoravelmente.

Esse meio é constituido pêla nossa soberana vontade.

O amôr conjugal, puro, é uma fôrça salutar que quasi sempre contrabalança as mais funestes influencias.

Vamos, mancêbo, experimente!

Tente-se...

Consulente: — Amelia M.

Com a idade, V.<sup>a</sup> Ex.<sup>a</sup> tornar-se-ha avarenta, sacudida no falar e poucada a ternuras. Apesar de rabujentar, hade casar duas vêses e não será infeliz com nenhum de seus maridos; êles é que talvez sejam infelizes consigo. Será absolutamente venturosa nos ultimos dias de sua vida mercê da dedicacão e amizade que seus filhos lhe tributarão. Mudará bastas vêses de residencia.

Consulente: — Affonso S. R. G.

A confluencia de Vénus com o seu signo agoiram-lhe fecundidade, perseverança e amôr ao trabalho; se

seguir pois, com vontade e sempre a direito, a béla linha que o Destino lhe traçou, não digo que chegue a sêr um Paganini, nem mêsmo um Joachim, mas emfim, sempre fará mais no violino do que o Macario fazia no piano.

G. C.

Veja-se nas capas a senha de consulta e demais requisitos.

## Guitarra de Romanol

16

Celeste pomba caida  
Do ceu immenso e profundo,  
Tu não encontras guarida  
Nos corações d'este mundo.

17

Da terra mãe nem um palmo  
Tenho de meu p'ra cair,  
Quando resarem o psalmo  
Do meu eterno dormir.

18

Um beijo d'amor fecundo  
De duas almas ditosas,  
Novas vidas dando ao mundo  
O mundo inflora de rosas.

19

A' procissão dos amores  
Preside o anjo do bem  
E na frente dos andores  
Vae o santo amor de mãe.

20

Quem dera ver transformadas  
As fraticidas bayonetas  
Em rutilantes enxadas  
Para dispor violetas.

## Soneto

### AGUAS CORRENTES

Para Thomaz da Fonseca

— O sentido da Vida anda nas aguas...  
e o seu murmúrio, longo e evocador,  
é um murmúrio dulcíssimo de maguas...  
— Que o mundo não comprehende o seu fervor...

Caem violentas, rudes pelas fraguas  
p'ra ser depois ternura o seu furor,  
— porque o divino espirito das aguas  
— é o profundo espirito do amor...

... Nas noites luminosas, socegadas,  
de silencio e luar. — pelas quebradas  
dos montes andam almas a cantar...

... E as aguas descem violentamente,  
e passam a cantar nervosamente...  
Depois sam rios p'ra fazer-se ao mar...

Lisboa, Março, 1908

AUGUSTO CASIMIRO

## A Nossa Estante

Recebemos e agradecemos o livro intitulado «Como se adquire a fama» ou «Historia de um calumniado» do sr. Raphael das Dores.

Pretende o auctor n'este trabalho justificar-se, perante o publico, de falsas accusações de sodomita que lhe tem sido feitas.

N'elle nos refere a historia de toda a sua vida e escudando-se com varias theorias da sciencia, prova que nem mesmo na sua pathologia ha causa determinante para as accusações que lhe são feitas.

Agradecemos o exemplar enviado.

## LUZ...

Bemdicta a horrenda e tremula agonia, cujos suspiros são o alvôr do dia!

(Oração á Luz)

GUERRA JUNQUEIRO.

E's a Vida, és o Amôr, ó Luz bemdita,  
E's a Mater fecunda do universo;  
Jubila o mundo, em densa treva immerso,  
Quando surges na aboboda infinita!

Manancial ethereo de calor  
Tu desfazes os gelos da existencia.  
E na tua pureza e transcendencia  
Dás vida ao verme e o doce aroma á flôr!

Eu te bemdigo, ó Luz omnipotente,  
Na luz do sol... a arder eternamente,  
Nas estrellas brilhantes do infinito...

Oh! quanto é bello o despontar do dia!  
O sol a erguer-se atraz da serrania...  
.....  
Como eu te adoro, ó Luz, fulgôr bemdito!...

Lx.<sup>a</sup> 1-Maio-908.

MAC-ILLERNO.

## CURIOSIDADES

**Escovas** — Para limpar as escovas da cabeça basta esfregal-as com seameas e nunca as lavar.

Quando as barbas da escova estiverem muito flexiveis basta molhal-as com ammoniaco e pôr a seccar. Tomam logo a rigidez necessaria.

**Espelhos** — Dá-se-lhe esplendido brilho dissolvendo gesso em agua e vinagre, untando levemente o vidro com esta massa e enxugando depois com um panno de linho fino.

**Mosquitos** — Contra esses inimigos do descanso pendurar um ramo d'alfazema á cabeceira da cama.

## VARIEDADES

**Biscoitos para chá** — Batem-se bem quatro claras d'ovo e juntem-se-lhes as gemmas tambem batidas com 250 grammas de assucar e casca de limão ou de laranja ralada. Adicionem-se 250 grammas de farinha de trigo, amasse-se tudo levemente e façam-se os biscoitos. Polvilhem-se com assucar e cosam-se em forno brando até adquirirem boa cor.

QUAL É A COISA,  
QUAL É ELLA?

Ainda os premios do concurso charadistico da 2.<sup>a</sup> Serie.

Já foram entregues á Ex.<sup>ma</sup> Snr.<sup>a</sup> D. Celeste da Conceição Chagas, moradora na rua da Barroca, 107, 2.<sup>o</sup> e ao Ex.<sup>mo</sup> Snr. Luiz Silveira (Sombrio), morador em Setubal, o tinteiro de prata e a 1.<sup>a</sup> e 2.<sup>a</sup> Serie dos Azulejos encadernada em percalline, que respectivamente lhes couberam como os decifradores do maior numero d'artigos.

Seguem os recibos:

**Declaro que me foi entregue pela Administração do Semanario Illustrado 'Azulejos' o tinteiro de prata, premio que me coube no concurso charadistico da 2.<sup>a</sup> Serie.**

Lisboa, 2 de Maio de 1908.

(a) Celeste da Conceição Chagas  
(Celeste)

R. da Barroca, 107, 2.<sup>o</sup>

**Recebi da Ex.<sup>ma</sup> Administração do 'Azulejos' um volume com a primeira e segunda series d'esta publicação, encadernadas em percalline, como 2.<sup>o</sup> premio que me coube no concurso charadistico da 2.<sup>a</sup> Serie do 'Azulejos'.**

Setubal, 3 de Maio de 1908.

(a) Luiz Silveira

O GRANDE CONCURSO  
DA 3.<sup>a</sup> SERIE

Cinco premios

- 1.<sup>o</sup> — Um relógio d'ouro (Zenith).
- 2.<sup>o</sup> — Uma palmatoria de prata.
- 3.<sup>o</sup> — Uma biscoiteira.
- 4.<sup>o</sup> — Uma collecção do 'Azulejos' encadernada em percallina.
- 5.<sup>o</sup> — Uma assignatura gratis para a 4.<sup>a</sup> serie.

Condições do Concurso

1.<sup>a</sup> — Decifrar, durante os 15 numeros da 3.<sup>a</sup> Serie, maior numero d'artigos, alem de 150.  
2.<sup>a</sup> Para que os nossos leitores possam concorrer em grande maioria resolvemos modificar a 2.<sup>a</sup> condição do concurso, augmentando-lhe o prazo, assim:

Poderão enviar-nos as decifrações durante um intervalo de 15 dias, a contar da data da sua publicação.

A lista dos decifradores e as soluções dos artigos publicados são dadas de 4 em 4 numeros.

As decifrações devem ser enviadas pelo correio citando a pagina do semanario e pondo-lhe uma estampilha de 5 réis.

Para que todos possam concorrer, não damos ainda n'este numero as decifrações da 3.<sup>a</sup> serie.

No 1.<sup>o</sup> numero daremos as decifrações e decifradores dos n.<sup>os</sup> 31 e 32.

Charadas

Novissimas

No corpo está quem não vê este fructo-1-2.

PUMPUM

Na arvore de Deus vi esta ave do Brazil-2-1.

JÓ FÉRA

Electrica

A's direitas e ás avessas é cidade ingleza-2.

LITRAS

Reduzida

Copia-4  
-te-  
Mulher-3

TIRA MITRAS & C.<sup>a</sup>

Metamorphoses

Tódos temos este peixe-2 (O. S.)

STOCK

N'esta antiga cidade floresceu uma grande poetiza-2 (P. S.)

DIVINO

Biforme

O leigo do mosteiro gostava de vinho-3.

D. QUIXOTE

Augmentativa

Medida mediocre-2

CAROCHA

Enygmas

A's direitas sou um bicho  
Que não tem um só denteinho;  
A's avessas sou um jogo,  
Bem simples e comesinho.

A. R.

Por iniciaes

CPDSCC  
535113

REI DOS DOIDOS

QATEEFAFOE?  
3231231423

UM GARIBALDINO

De palitos

--	--	--	--	--	--

Tirando 11 palitos fica uma lacuna.

SADO

--	--	--	--	--	--	--	--

Tirando 13 palitos fica uma linha curva.

J. P.

Artigos a decifrar, 13.

**Grande Alfayataria**  
**TESOURAS DE OURO**

**ALFREDO V. ROSA**

Rua da Palma, 140, 142 e 144

Completo sortimento de fazendas nacionaes e estrangeiras.

Fatos elegantes e de boas fazendas desde 6\$000 reis.

MESTRES DE CÔRTE DE 1.º ORDEM

A melhor alfayataria de Lisboa

**Aluga-se**

Dá senhas do Bonus Universal

**A. P. FERRAZ**

Chapeus para senhora e creanças

RUA DO OURO, 231

(Primeiro quarteirão vindo do Kocio)

**AOS NOSSOS ASSIGNANTES E LEITORES**

Esta redacção encarrega-se de mandar encadernar a 1.<sup>a</sup> e 2.<sup>a</sup> Serie do AZULEJOS, em panno chagrin e cabeçalho e lettras douradas, ou qualquer côr á escolha do interessado, pela modica quantia de

**500 RÉIS**

Os pedidos devem ser feitos a esta redacção, acompanhados da respectiva importancia.

**Para as provincias augmenta o porte de 200 réis.**

## AO MEU AMIGO SEVERIM DE MORAES

## 2.º FADO

Letra de Severim de Moraes.

Musica de Alfredo Mantua.

PIANO.

Quando

em nou\_tes de lu...ar

Só...

sinha can...tas o

fa...do

Ou...ve-se al...guem so\_lu...çar

No

ve\_lho quar.to do

la...do

Sou

eu que so\_nho acor\_da...do

Sou

eu que 'stu...do e ver...

se...jo

Sou

eu que em so\_nhos te

bei...jo

O'

do\_na do Iris\_te

fa...do

fa...do